

# 3 + 1

*I kissed the snake hello*

Adriana Proganó

12.05.23 – 24.06.23

Inauguração | Opening 18h – 21h, 12.05.23

As obras apresentadas na exposição *I kissed the snake hello* representam para Adriana Proganó (Lucerna, 1992) um novo e decisivo desenvolvimento da sua prática artística.

A primeira vez que vi as obras de Adriana foi na sua bela exposição na Casa da Cerca, em Almada, em 2020: era uma série de pinturas deliberadamente muito gráficas e simples, em que as imagens eram maioritariamente acompanhadas por frases irónicas em que muitos dos estereótipos relacionados com a condição humana e com o ser artista eram desmantelados de uma forma agridoce. Estas obras podem parecer ilustrativas em fotografias, mas ao vivo fiquei impressionado com o seu poder pictórico. Nos temas era possível reconhecer, de alguma forma, a própria artista, o que conferiu um carácter fortemente autobiográfico à exposição. Poucas cores, grande rapidez de execução, frescura em quantidade e grande força, tanto nas linhas como na utilização das palavras para criar curto-circuitos e assonâncias com as imagens que acompanham.

A segunda exposição importante que tive a oportunidade de visitar foi durante a sua participação no Prémio Novos Artistas Fundação EDP 2022, realizado no MAAT em Lisboa, do qual Adriana foi a vencedora. Neste caso, foi apresentada uma série de esculturas onde as personagens das suas pinturas emergiam da pintura e assumiam uma qualidade que lembrava Pirandello, mantendo, de forma quase cenográfica, uma ligação narrativa e conceptual com a ideia de tela.

A produção aqui exposta recua um passo - são pinturas novamente - mas sobretudo dá um enorme e decisivo passo em frente, ainda que dentro de uma coerência estilística, conceptual e sentimental, em relação aos seus trabalhos anteriores. De facto, a artista mergulha de maneira ainda mais forte na pintura. As telas enchem-se de cor, formas e imagens. Nenhum centímetro quadrado é deixado em branco, mantendo uma paleta sempre muito escassa, neste caso predominantemente composta por cores como o lilás, o azul, o cinzento, o verde - que contamina continuamente as outras cores - e o preto; mas há algumas incursões de amarelo, vermelho e castanho que explodem com força.

As imagens falam-nos de situações mentais - são, de certa forma, visões - que a artista gostaria de ter vivido ou que estão ligadas à sua memória e à memória dos seus sonhos. Quando as vi, lembrei-me de uma frase de uma das suas obras antigas:

The works presented in the exhibition *I kissed the snake hello* represent for Adriana Proganó (Lucerne, 1992) a further and decisive development in her artistic practice.

The first time I saw Adriana's works was at her beautiful exhibition at the Casa da Cerca in Almada, in 2020: it was a series of deliberately very graphic and simple paintings, in which the images were mostly accompanied by ironic phrases in which many of the stereotypes related to the human condition and to being an artist were dismantled in a bittersweet way, among other subtexts included. These works may look illustrative in photos, but in person I was struck by their pictorial power. In the subjects we could recognise somehow the artist, which gave a strongly autobiographical slant to the exhibition. There were very few colours, a high speed of execution, freshness in abundance, and a great strength both in the lines and in the use of words to create short circuits and assonances with the accompanying images.

The second important exhibition I had the opportunity to visit was during her participation in the EDP Foundation New Artists Award 2022, held at the MAAT in Lisbon, which she then won. In this case, a series of sculptures were presented in which the characters of her paintings came out from the painting and took life in a Pirandellian way, while maintaining a narrative and conceptual link with the idea of the canvas, still present in an almost scenographic manner.

The production exhibited here goes back a step - they are paintings again - but above all takes a huge, decisive step forward, albeit within a stylistic, conceptual and sentimental coherence compared to her previous works. Indeed, the artist plunges even more strongly into painting. The canvases are filled with colours, shapes and images; not a single square centimeter is left blank, while the palette is always very sparse, in this case predominantly composed of colours such as lilac, blue, grey, green and black; but there are some incursions of yellow, red and brown that explode with force.

The images tell us about mental situations - they are visions in some ways - that the artist would have liked to experience or that are linked to her memory and the memory of her dreams. When I saw them, I thought of a phrase from one of her old works: *That's how committed I am to not being human*. If we combine it with the title of the exhibition, and of one of the

# 3 + 1

*That's how committed I am to not being human.* Se a juntarmos ao título da exposição, e de uma das obras expostas, é como se encontrássemos a fórmula mágica de onde tudo nasceu.

Os protagonistas são sempre figuras ambíguas nas quais consigo reconhecer o alter ego da artista, por vezes multiplicado, apresentado em total união com uma exuberante dimensão natural. São pinturas que tratam precisamente da nossa união com a natureza, com este conceito que é demasiadas vezes apresentado como algo distinto do humano. A natureza é aqui apresentada através de uma chave narrativa profundamente onírica, mas sem os estereótipos que habitualmente a revestem: há qualquer coisa de protector nestas plantas, nestas águas em que o corpo nu nada, nestas folhas gigantescas que parecem tornar-se a arquitectura e o mobiliário de uma nova possibilidade de vida; há também qualquer coisa de tremendamente doce na relação com a pantera, que o ser humano chega a abraçar, e que regressa em várias obras. Mas, ao mesmo tempo, sentimos algo de perturbador à superfície, sabemos que o perigo pode manifestar-se a qualquer momento. Porque isto é a natureza e isto somos nós: uma estranha combinação de algo profundamente infantil, como as figuras de Adriana, e algo muito parecido com a fonte do caos, como se o paraíso terrestre estivesse sempre em risco de se transformar no enredo do *O Deus das Moscas* de William Golding.

A natureza parece surgir aqui como uma espécie de salvação, talvez de uma contemporaneidade à qual não nos queremos render completamente, ou de uma inteligência artificial, digital, de silício, da qual ainda não conseguimos extrair uma alma, ou de dispositivos electrónicos dos quais nos estamos a tornar próteses necessárias à sua vida e evolução. Aqui, então, a natureza vem em socorro, a pintura vem em socorro, o corpo vem em socorro, mundos em que o próprio erro, a excepção, é a manifestação do humano, e talvez até de algum Deus, imanente ou transcendente, a quem pedimos finalmente não ser infalíveis, não ser assépticos, mas de quem queremos ainda mais mistério, falibilidade, humanidade.

O corpo é o centro das obras de Adriana Proganó; um corpo vivo, vital, que quase parece dançar ou posar para a pintora. E nestas telas é possível traçar um estilo de pintura muito preciso e reconhecível, em que conteúdo e forma se tornam um todo inextricável. São pinturas que continuam a ser executadas de uma forma selvagem e fresca, em que a seiva da natureza parece tornar-se uma pincelada longa, sinuosa, quase serpentina, de que são feitos todos os elementos da pintura e em que as fronteiras entre as coisas se esbatem. Tudo parece estar à beira da metamorfose. A figura humana parece estar prestes a transformar-se numa pantera, ou numa árvore, ou parece ter acabado de nascer de uma folha, e vice-

paintings exhibited, it is as if we find the magic formula from which it all originated.

The protagonist is always an ambiguous figure, in whom I somehow see the artist's alter ego, sometimes multiplied, presented in total union with a luxuriant natural dimension. These are paintings that deal precisely with our being one with nature, with this concept that is too often presented as something distinct from the human. Nature is presented here through a deeply dreamlike narrative key, but without the stereotypes that usually clothe it: there is something protective in these plants, in these waters in which the naked body swims, in these gigantic leaves that seem to become the architecture and furniture of a new possibility of life; there is also something tremendously sweet in the relationship with the panther, with whom the human being comes to embrace, and which returns in several paintings. But at the same time we sense something disturbing beneath the surface, we know that danger could manifest itself at any moment. Because this is nature, and this is us: a strange combination of something profoundly childlike, like Adriana's figures, and something very much like the source of chaos, as if the earthly paradise were always in danger of turning into the plot of William Golding's *Lord of the Flies*.

Nature seems to emerge here as a kind of salvation, perhaps from a contemporaneity to which we do not want to completely surrender, or from an artificial, digital, silicon intelligence from which we have not yet managed to extract a soul, or from electronic devices of which we are becoming prostheses necessary for their life and evolution. Here then, nature comes to our rescue, painting comes to our rescue, the body comes to our rescue, worlds in which the error, the exception, is the manifestation of the human, and perhaps even of some God, whether immanent or transcendent, from whom we finally ask not to be infallible, not to be aseptic, but from whom we want even more mystery, fallibility and humanity.

The body is the centre of Adriana Proganó's works; a living, vital body that almost seems to dance or pose for the painter. And in these canvases it is possible to trace a very precise, recognisable painting style, in which content and form become an inextricable whole. They are still rendered in a wild and fresh manner, in which the lifeblood of nature seems to become a long, winding, almost serpentine brushstroke, of which all the elements of the painting are made, and in which the boundaries between things are blurred. Everything seems on the verge of metamorphosis. The human figure seems on the verge of turning into a panther, or a tree, or seems to have just been born from a leaf, and vice versa. And this metamorphic dimension is suggested and accentuated precisely by the style and use of colours.

# 3 + 1

versa. E esta dimensão metamórfica é sugerida e acentuada precisamente pelo estilo e pela utilização das cores.

Muitos, ao falarem das obras de Adriana, mencionaram nomes como a grande Rose Wylie. Para mim, ver a produção destas últimas obras trouxe-me à memória outra artista que adoro, Miriam Cahn. Mas, enquanto escrevia, pensei muito em Paula Rego, sobretudo do ponto de vista da personagem e na capacidade com que ambas são capazes de usar uma componente ilustrativa e de conto de fadas para valorizar a dimensão pictórica; mas pensei nela sobretudo como uma espécie de farol no nosso presente, precisamente pela forma como sublinhava continuamente que a pintura consiste precisamente em mostrar o que as pessoas não querem ou não podem ver, e em pintar o que os outros não querem ou não podem pintar.

No caso de Proganó, estamos perante uma actualização de algo que há cerca de 20 anos seria definido como Bad Painting. Mas o rótulo envelheceu mal, e no caso de Adriana parece mais que estamos perante uma bad girl, um carácter desobediente, thank God. Talvez fosse melhor falarmos de Dirty Painting, no verdadeiro sentido moral da palavra “suja”. Porque a pintura, nos últimos anos, voltou de facto a entrar em cena com prepotência, mas, nos seus casos mais interessantes, foi utilizada precisamente por ser uma linguagem resistente, indomável, que se move numa direcção teimosa e contrária ao zeitgeist. E talvez precisamente por esse facto de ultrapassar o zeitgeist, pode vir a ser a melhor linguagem para falar do presente. É precisamente quando tudo vai depressa que mais precisamos de lentidão, é precisamente quando tudo está dentro da esfera do controlo que mais precisamos de quebrar as regras, é precisamente quando tudo parece limpo e asséptico que mais precisamos de sujidade, é precisamente quando tudo tem de ser fotogénico que mais precisamos de obras que fiquem mal nas fotografias. Porque só está vivo aquilo que tem o potencial de ferir, de atingir, de se mostrar obsceno. E a arte, sobretudo hoje, tem de deixar de ser inofensiva.

Many people in talking about Adriana's work have mentioned names such as the great Rose Wylie. To me, seeing this latest production of works brought to mind another artist I love, Miriam Cahn. But as I was writing, I thought a lot about Paula Rego, especially from a character point of view and in the ability with which both are able to use an illustrative and fairy-tale component to enhance the pictorial dimension; but I thought of her above all as a sort of beacon in our present, precisely because of the way she continually emphasised how painting consists precisely in showing what people do not want or cannot see, and in painting what others do not want or cannot paint.

In the case of Proganó, we are dealing with an actualisation of something that some 20 years ago would have been defined as Bad Painting. But the label has aged badly, and in Adriana's case it seems more like we are dealing with a bad girl, a disobedient character, thank God. Perhaps we would do better to speak of Dirty Painting, in the true moral sense of the word “dirty”. Because painting in recent years has indeed returned to the scene, but in its most interesting cases it has been used precisely because of its being a resistant, untamable language that moves in a stubborn sense contrary to that of the zeitgeist. And perhaps precisely because of this exceeding the zeitgeist, it may turn out to be the best language to talk about the present. It is precisely when everything is going fast that we most need slowness, it is precisely when everything is within the sphere of control that we most need to break the rule, it is precisely when everything seems clean and aseptic that we most need dirtiness, it is precisely when everything has to be photogenic that we most need works that look bad in pictures. Because only that which has the potential to hurt, to strike, to show itself as obscene, is still alive. And art, especially today, must stop being harmless.

Antonio Grulli, 05.23

# 3 +1

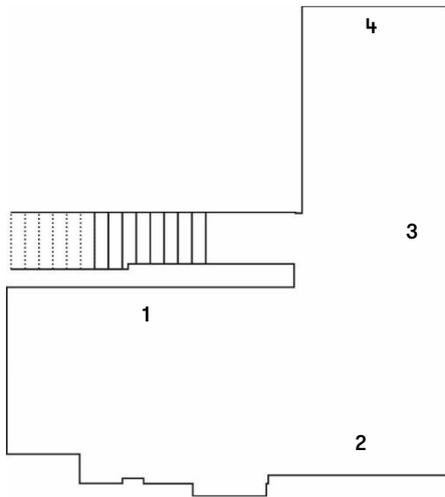
*I kissed the snake hello*

Adriana Proganó

12.05.23 – 24.06.23

Inauguração | Opening 18h – 21h, 12.05.23

## GALERIA | GALLERY 1



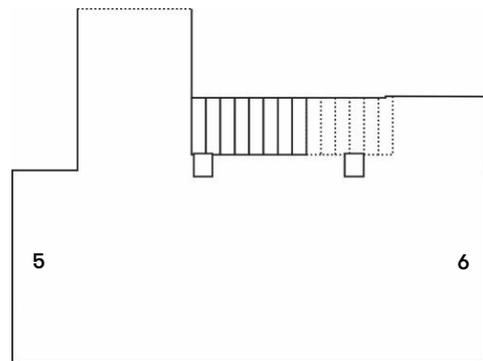
1. *Not day not night, an invisible space in time*, 2023  
Óleo sobre tela | Oil on canvas, 184 x 207 cm

2. *Cold soft swim with you*, 2023  
Óleo sobre tela | Oil on canvas, 175 x 206 cm

3. *I kissed the snake hello*, 2023  
Óleo sobre tela | Oil on canvas, 174 x 162 cm

4. *Leaf juice*, 2023  
Óleo sobre tela | Oil on canvas, 200 x 162 cm

## GALERIA | GALLERY 2



5. *Sacred love bond*, 2023  
Óleo sobre tela | Oil on canvas, 166 x 169 cm

6. *I breathe you, you breathe me*, 2023  
Óleo sobre tela | Oil on canvas, 160 x 206 cm